

“A GENTE” OU “AGENTE”: USO DOS TERMOS HOMONIMOS EM TEXTOS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II - PANORAMA GERAL

Ariana Vaz TEIXEIRA¹

RESUMO: Neste artigo, apresentaremos resultados quantitativos referentes ao uso convencional e não-convencional das palavras homônimas “a gente” e “agente” extraídos de uma amostra longitudinal de 31 textos feitos por 13 alunos de uma escola periférica do interior paulista ao longo do Ensino Fundamental II. Descreveremos as tendências de ocorrência do uso convencional e não-convencional das homonímias, bem como a flutuação gráfica entre elas.

PALAVRAS-CHAVE: Homonímias; Flutuação gráfica; Ensino Fundamental II; Prosódia; Hipossegmentação.

1. Introdução

Neste artigo, são analisados os resultados quantitativos decorrentes da pesquisa de iniciação científica sobre hipossegmentação de palavras escritas, mais especificamente o par de palavras homônimas “a gente” e “agente” por essas serem encontradas em maior número em textos dos alunos do Ensino Fundamental II (doravante EF II). Os objetivos são:

¹Universidade Estadual Paulista – UNESP; Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas IBILCE; Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL; São José do Rio Preto – São Paulo – Brasil; Orientação. Prof.^a. Dr.^a. Luciani Ester Tenani; Bolsista do Programa de Iniciação Científica da UNESP PIBIC/REITORIA 2016-2017.

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

(i) descrever a frequência de uso de “a gente” e “agente” por ano/série escolar, (ii) verificar se esses usos são estimulados por tipo ou gênero textual, e (iii) analisar a flutuação gráfica entre o uso dos pronomes “nós”, “a gente” e “agente”.

Assumimos a hipótese de que, em alguma medida, a motivação da grafia não-convencional da palavra escrita “agente” está relacionada a possibilidades de organização prosódica dos enunciados falados. Desse modo, organizamos e separamos o corpúsculo de análise as grafias não-convencionais “agente” e a grafia convencional “a gente” que ocorrem nos textos do EF II. Assim, analisamos a flutuação entre grafia convencional e não convencional de formas como “a gente” e “agente” com o objetivo de identificar motivação linguística para essa flutuação gráfica.

Para apresentar a descrição e a análise realizadas, este trabalho será dividido em cinco seções, a saber: Introdução; Pressupostos teóricos; Material e Questões Metodológicas; Resultados e Considerações Finais.

Assim, na seção um, resumimos os principais objetivos do trabalho, na seção dois, apresentamos o arcabouço teórico que ampara a pesquisa; na seção três, descrevemos o material utilizado o modo como às questões metodológicas foram estabelecidas; na seção quatro, expomos os resultados do trabalho, e finalmente, na seção cinco, faço minhas considerações finais.

2. Pressupostos teóricos

Nosso referencial teórico foi elaborado numa perspectiva de análise prosódica dos dados, uma vez que estudos sobre hipossegmentações, como os feitos por Capristano (2004, 2007), Chacon (2004) e Cunha (2010) argumentam que junções de palavras são ancoradas em constituintes prosódicos tais como aqueles previstos pela teoria de Nespor & Vogel (1986) sobre domínios prosódicos. Neste campo do saber, são recorrentes pesquisas que abordam as segmentações não-convencionais na escrita infantil (Abaurre, 1991; Capristano, 2004; Chacon, 2004). Entretanto, o lugar desta pesquisa encontra-se nas ocorrências de segmentações não-convencionais de palavras, mais especificamente as hipossegmentação, em textos de alunos dos quatro últimos anos do EF II, período que compreende de 5^a a 8^a séries, na época da coleta dos textos, atuais 6^o a 9^o anos, assim como o fizeram Tenani (2010, 2011a, b), Paranhos (2014) e Silva (2014).

Apoiamo-nos também na hipótese de heterogeneidade constitutiva da escrita (Corrêa, 2004) para tratar do trânsito dos alunos/escreventes pelas práticas sociais orais e pelas práticas sociais escritas a partir de evidências identificadas em palavras hipossegmentadas. Para caracterizar o *corpus* aqui utilizado, fizemos a exclusão dos dados utilizados na etapa anterior de pesquisa, que consistia no levantamento e na análise de todos os tipos de hipossegmentações presentes nos textos dos alunos do EF II, no qual foi deixado de fora apenas o par homônimo aqui apresentado por esse ser em maior número dentro do *corpus*.

Visitamos alguns trabalhos realizados referentes ao uso convencional de “a gente” dentro de algumas perspectivas teóricas e como seu uso está sendo modificado.

Assim, para compreender o funcionamento das ocorrências de “agente” quando a norma padrão do Português Brasileiro (doravante PB) exige o uso de “a gente”, fez-se necessário um retorno ao surgimento do

termo “gente”. Lopes (1998, p.49), em sua pesquisa, procurou verificar “a origem do processo de gramaticalização do sintagma “a gente” do nome ‘gente’ para o pronome ‘a gente’, na tentativa de mapear a cronologia desse fenômeno e de mostrar as consequências da implementação da nova variante no sistema pronominal.”. Esse tema relaciona-se diretamente com este trabalho por tratar-se, como afirma Camacho (1988, p.29) – “da língua que se transforma no tempo e se diversifica no espaço” e que apresenta, necessariamente, vários padrões de adequação ao contexto de uso. Bem como enfatiza Borges (2004, p. 201), “a gramaticalização de *a gente* decorre de vários processos de mudanças paralelos e inter-relacionados: mudança semântica, sintática, morfológica e fonológica.”.

Menon (1996, p.623), resgatando os pressupostos teóricos de Meillet (1912), diz que “nessa perspectiva [de Meillet] a gramaticalização seria a transformação pela qual passa uma *palavra lexical*, para se tornar uma *palavra gramatical* presa ou funcional”. Ainda nesse trabalho, a autora aponta que do ponto de vista fonológico a partir do momento que “a gente” deixou de ser uma locução nominal e passou a ser um pronome sua tonicidade se reduz, o mesmo acontece com a análise fonética que, provavelmente, devido à frequência de uso como pronome pessoal há uma mudança de [Z] para [j].

Verificamos o que há sobre o uso dos pronomes pessoais “nós” e “a gente” no PB. Os trabalhos realizados sobre o tema são importantes posto que nos levam a refletir sobre o preconceito linguístico associado ao uso de “a gente”, relacionado sempre ao uso da língua falada ou ao uso da linguagem coloquial. E também, como apresenta Lopes (1998), propicia verificar, em certa medida, que ambientes linguísticos e extralinguísticos são mais propícios ao uso de “a gente”. Essa visão vai em direção contrária à de gramáticas tradicionais que são utilizadas como ferramenta de ensino dentro do ambiente escolar, e que não têm como pretensão descrever a “realidade falada pelos usuários da LP”, uma vez que a sua função é outra.

Pesquisadoras tais como Vitório (2015) e Franceschini (2015), ambas seguindo os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e mudança de Labov (2008 [1972]), cujos trabalhos apresentam a frequência de uso dos pronomes “nós” e “a gente” entre crianças maceioenses e a frequência de uso dos pronomes “nós” e “a gente” entre adultos moradores da cidade de Concórdia (SC), apontam para, respectivamente, um uso mais frequente entre crianças do pronome “a gente”, chegando a 87%, e para uma igualdade de uso entre os adultos em um total de 50%.

Zilles (2008) apresenta um estudo que demonstra que o uso de “a gente” em Porto Alegre (RS) é mais frequente por mulheres e crianças, sendo que neste mesmo estudo ela aborda a questão do preconceito linguístico do uso de “a gente” e aponta seu uso em determinados gêneros textuais. Já Brustolin (2010) aproxima-se mais de nossa pesquisa ao trabalhar com o Ensino Fundamental e a questão da variação do uso de “nós” e “a gente” na fala e na escrita de estudantes deste ciclo cidade de Porto Alegre (RS).

Também da perspectiva variacionista, Rúbio (2012) demonstra que escolaridade é um fator social que influencia a ocorrência de “a gente” entre informantes de São José do Rio Preto (SP), local onde residiam os sujeitos que produziram textos que fazem parte de nossa pesquisa. Dos resultados descritos sobre correlação entre faixas de escolaridade e emprego de “a gente”, identificou-se que falantes com 5 a 8 anos de escolarização (portanto, com EF II completo ou não) são os que mais empregam “a gente”.

Outro tema relacionado com hipossegmentação, a flutuação gráfica, já foi objeto de estudo de Tenani e Longhin (2015) na análise de “senão” e “se não”. As pesquisadoras comprovaram que a motivação para essa

flutuação gráfica revelou ser a interação entre estruturas prosódicas e características morfossintáticas e semânticas dos enunciados. Essa pesquisa imbrica-se com esta uma vez que, como veremos a seguir, os alunos ora escrevem “nós”, ora escrevem “a gente”, ora “agente”, em textos distintos, ou ainda escrevem “nós”, “a gente”, “agente”, no mesmo texto, ou seja, flutuam.

3. Material e Questões Metodológicas

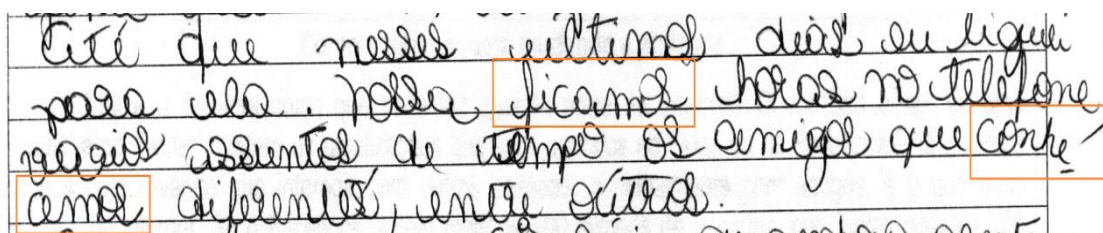
Selecionamos para este trabalho um *corpus* constituído de uma amostra longitudinal composta de 2.495 textos produzidos por 291 alunos que cursaram os quatro últimos anos (2008 a 2011) do EF II em uma escola pública da cidade de São José do Rio Preto, os quais pertencem ao Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II, disponível em: <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>, dos quais 119 alunos produziram textos em todos os anos letivos. Dentre esses, 19 alunos produziram entre 100% e 95% dos textos coletados em cada ano letivo (equivalente a 25 a 26 textos/aluno). Essa subamostra é composta de 484 textos (cf. cálculo: $((25 \times 10) + (26 \times 9))$), distribuídos ao longo dos anos letivos (2008 a 2011). Desses 484 textos, foram utilizados 31 textos que permitiram um estudo longitudinal dos dados excluídos da etapa anterior de pesquisa, notadamente as ocorrências de homônimas “agente” (quando previsto “a gente”), por essas serem em maior número nos textos investigados. Bem como as ocorrências de flutuação entre “a gente”, “agente” e “nós” nos textos dos alunos do Ensino Fundamental II.

4. Resultados: Análise dos dados

Dos 31 textos pertencentes a nossa amostra longitudinal, foi possível coletarmos um total 14 ocorrências de homônimas “a gente” com uso convencional da fronteira gráfica e 53 ocorrências de homônimas “agente” pelo uso não-convencional da fronteira gráfica (quando o previsto é o uso do pronome pessoal “a gente”). Portanto, nesta pesquisa, serão analisadas 67 homônimas, sendo 14 pelo uso convencional de “a gente” e 53 pelo uso não-convencional de “agente”. Foram coletados um total de 25 ocorrências de “nós” e 60 ocorrências de “formas verbais 1ª do plural”.

Dos 19 alunos, seis não empregaram em seus textos nem o uso de “a gente”, nem o uso de “agente”, prevalecendo em seus textos o uso dos verbos conjugados na primeira pessoa do plural para indicar o sujeito da oração, como em:

Figura1. Trecho selecionado do texto Z11_8D_17F_01



Leitura possível: Até que nesses últimos dias eu liguei para ela. Nossa ficamos horas no telefone, vários assuntos, de tempo os amigos que conhecemos diferentes, entre outros.

Logo, os textos desses alunos não apresentam flutuação quanto ao uso de “a gente” e “agente, em relação ao pronome “nós”. Considerando essa ausência de ocorrências, nosso *corpus* ficou constituído de 31 textos correspondentes às produções textuais dos 13 alunos que produziram os

“A GENTE” OU “AGENTE”: USO DOS TERMOS HOMONIMOS EM TEXTOS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II - PANORAMA GERAL

67 dados de “a gente” e “agente” no decorrer dos quatro anos Ensino Fundamental II¹.

Esses textos estão distribuídos entre 11 tipologias textuais diferentes, algumas categorias utilizadas mais de uma vez com tema diferente (como por exemplo – tipologia “Relato de experiência”, temas “conflito entre pais e filhos” e “vivência de mal entendido”). Das 26 propostas realizadas pelos alunos, em 17 delas há ocorrência de pelo menos um “a gente” ou “agente”, sendo que em duas ocorre somente “a gente”, nas demais ou só “agente” ou flutuação entre os dois registros. Nas tabelas, a seguir, visualiza-se a distribuição dos dados por ano letivo.

Tabela 1. Estruturas com a presença convencional - “a gente” por ano letivo

<i>Séries escolares</i>	<i>Presença do uso convencional de "a gente"</i>	
	<i>Nº</i>	<i>%</i>
5º	1	6%
6º	2	13%
7º	1	6%
8º	12	75%
<i>Total</i>	16	100%

Fonte: Dados retirados do Banco de dados Textus e elaboração própria (Iniciação Científica, CNPq).

¹ As produções textuais foram realizadas entre 2008 e 2011, na escola estadual Zulmira da Silva Salles, localizada na periferia de São José do Rio Preto-SP. Neste período, o Ensino Fundamental era composto por oito anos letivos, tendo sido alterado para nove anos pela Lei nº 11.274/06 (BRASIL, 2009, p.5)

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

Tabela 2. Estruturas com a presença não-convencional - “agente” por ano letivo.

<i>Séries escolares</i>	<i>Presença do uso não-convencional de "agente"</i>	
	Nº	%
5º	4	7,55%
6º	29	54,72%
7º	11	20,75%
8º	9	16,98%
Total	53	100,00%

Fonte: Dados retirados do Banco de dados Textus e elaboração própria (Iniciação Científica, CNPq).

A Tabela 01 apresenta a distribuição das ocorrências do uso convencional de “a gente” e a Tabela 02, a distribuição das ocorrências do uso não-convencional de “agente” em função das quatro séries do EF II, ambas mostrando números e percentuais da produção total dos dados.

Analisando as duas tabelas, é possível inferir que na Tabela 1, do uso convencional de “a gente”, os alunos fazem o uso da forma esperada pela gramática normativa padrão com maior frequência a partir do oitava série (atual nono ano), enquanto que na Tabela 2, os alunos fazem uso frequente de “agente” tanto no sexto quanto no sétimo ano, 54,72% e 20,75%, respectivamente, vale ressaltar que o uso não-convencional na sexta série é maior que na sétima série. Esses nos ajudam a compreender os resultados encontrados por Rúbio (2012) o qual identificou na fala que, entre outras variáveis, o papel do tempo de escolaridade, ou seja, quanto mais tempo de escolarização menor o uso da forma pronominal “a gente”, tanto na fala quanto na escrita, por esta ser uma forma estigmatizada socialmente. Nossa

hipótese para a flutuação identificada em nossos dados está no conflito sofrido pelos alunos entre o que já conhece de suas práticas orais/letradas e o padrão exigido pelo ensino escolar formal.

Nesse cenário, nos perguntamos, por que não há ocorrências de “agente” e apenas uma de “ a gente” na quinta série (atual sexto ano)? Nossa hipótese é a de que na quinta série os alunos estão no início do aprendizado de temas como tipologia textual, quadros pronominais, adequação à norma padrão, etc, como se consta nos PCN de Língua Portuguesa (1998) que orienta que no terceiro ciclo (5º e 6º séries ou 6º e 7º anos, atualmente) deva ser ensinado esse conteúdo programático aos alunos:

Comparação dos fenômenos linguísticos observados na fala e na escrita nas diferentes variedades, privilegiando os seguintes domínios: * sistema pronominal (diferentes quadros pronominais em função do gênero): preenchimento da posição de sujeito, extensão do emprego dos pronomes tônicos na posição de objeto, desaparecimento dos clíticos, emprego dos reflexivos etc.; emprego adequado de palavras limitadas a certas condições histórico-sociais (regionalismos, estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, jargões, gíria)... (BRASIL, 1998, p.60-61)

Desta maneira, na quinta série os alunos estão em início do processo de aprendizado é possível inferir que a ausência de ocorrências de “nós” seria motivada pelo pouco contato com a linguagem escolar sistematizada em textos de diversos gêneros textuais, uma vez que esse é outro requisito de ensino nesse ciclo. Segundo os PCNs (1998) o aluno ao longo desse ciclo deverá ser capaz de:

Reconhecimento das características dos diferentes gêneros de texto, quanto ao conteúdo temático, construção composicional e

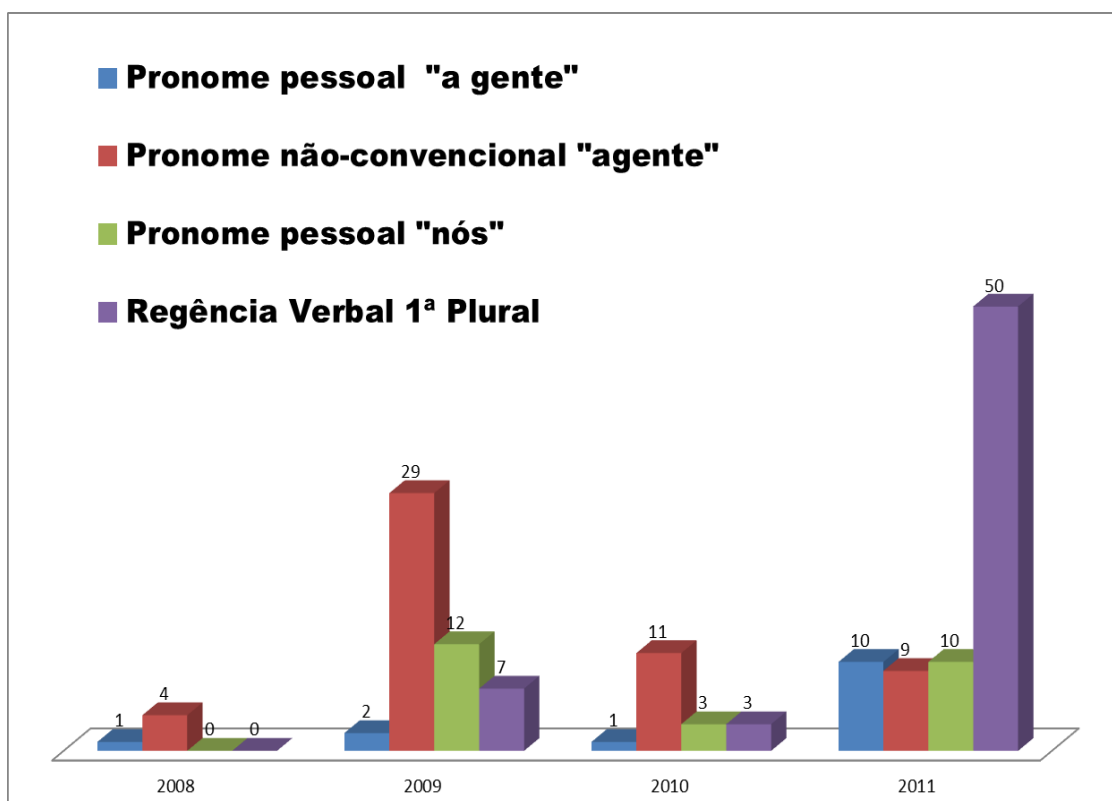
ao estilo: 60 * reconhecimento do universo discursivo dentro do qual cada texto e gêneros de texto se inserem, considerando as intenções do enunciador, os interlocutores, os procedimentos narrativos, descritivos, expositivos, argumentativos e conversacionais que privilegiam, e a intertextualidade (explícita ou não); (BRASIL, 1998, p. 60)

Assim, o aluno transita entre o que já sabe e o que está aprendendo e em seus textos, esse trânsito fica evidenciado pelos usos pronominais de “agente”.

4.1 O uso dos pronomes “nós”, “a gente” e a forma não-convencional “agente”

Por meio do gráfico 1, abaixo, discutiremos sobre o trânsito do aluno por práticas orais/letradas, faladas/escritas, na análise da frequência de uso de quatro estruturas diferentes para marcar o sujeito pertencente à primeira pessoa do plural, cuja norma padrão prevê o uso de “nós” e também da morfologia verbal de primeira pessoa do plural, no entanto, o aluno faz uso de “a gente”, “agente” (grafia não-convencional) e apenas o verbo conjugado na primeira pessoa como em “**voltamos**”. Observemos o gráfico 1:

Gráfico 1. Flutuação de realização entre formas pronominais



Fonte: Dados retirados do Banco de dados Textus e elaboração própria (Iniciação Científica, CNPq).

Considerando o gráfico acima, podemos trabalhar a questão da flutuação da grafia de "a gente" e "agente", o uso do pronome pessoal de 1ª pessoa no plural "nós", e a expressão de plural apenas nas formas verbais, sem o uso pronome "nós". A oitava série (atual nono ano) é o período no qual os alunos tendem a flutuar quanto ao uso das duas grafias homônimas, ao mesmo tempo em que utilizam-se do pronome "nós" em proporções muito próximas, como podemos constatar na mínima diferença entre as quantidades de ocorrências (12, 9 e 10, respectivamente). Quanto a este resultado, trabalhamos com a hipótese da heterogeneidade constitutiva da escrita (Corrêa, 2004), segundo a qual o aluno ao tentar corresponder à expectativa de uma escrita institucionalizada, flutua entre práticas orais/faladas e escritas/letradas, o que acaba por denunciar seu

relacionamento dialógico com a escrita. Ou ainda, de acordo com Corrêa (2004, pg. 19):

Desse modo, o diálogo que o escrevente procura estabelecer com a instituição acaba por colocá-lo numa posição indefinida, pois, ao investir-se do código por ela proposto – código a que teve acesso especialmente por meio da escola – não deixa, no entanto, de enunciar em conformidade com lugares que ocupa em outras práticas sociais. (CORRÊA, 2004, p.19)

Logo, esse aluno fica em trânsito constante entre as duas práticas, em um impasse: uso a gramática que eu tenho constituída como falante nativo da minha língua materna, ou uso a norma padrão aprendida na escola? A flutuação entre as palavras escritas “a gente” e “agente”, e o uso do pronome “nós”, pode ser interpretada como evidência da relação do sujeito com sua fala, considerando suas práticas orais ao mesmo tempo em que acreditamos que o aluno ao tentar responder à expectativa de uma escrita institucionalizada acaba por denunciar sua relação dialógica com essa escrita.

É possível observar também que na última série a ausência de pronome e morfologia verbal típica de primeira pessoa do plural aumenta (marca de plural no verbo). Esse fato, reforça nossa hipótese de que o aluno tenta normatizar a sua escrita ao mesmo tempo em que fica em dúvida sobre o que pode ou não utilizar, deixando o sujeito gramatical não marcado para, possivelmente, não correr o risco de não estar dentro das normas de escrita institucionalizadas.

4.2 Gêneros textuais e o uso não-convencional de “agente”

Na sistematização dos dados em tabelas, gráficos e quadros, investigamos informações sobre ano escolar, tipo de proposta, gênero textual e a quantidade de ocorrências. Notamos que alguns contextos de produção favoreciam o aparecimento do uso da grafia não-convencional de “agente”. Foram 15 diferentes propostas nas quais ocorreu pelo menos um “agente” não-convencional, enquanto há muitas ocorrências nos gêneros “relato de experiência” e “carta pessoal” e que nos possibilita também observar a flutuação entre as duas grafias, abaixo o número de ocorrências por proposta o que pode ser observado na Tabela 3 e no Quadro 1, a seguir:

Tabela 3. Porcentagem de “agente” por gênero textual

GÊNERO TEXTUAL	Quantidade	Porcentagem
Relato de experiência	22	42%
Carta pessoal	26	49%
Conto	1	2%
Artigo de opinião	2	4%
Relato de mudança de vida	1	2%
Carta argumentativa	1	2%
	53	100%

Fonte: Dados retirados do Banco de dados Textus e elaboração própria (Iniciação Científica, CNPq).

“A GENTE” OU “AGENTE”: USO DOS TERMOS HOMONIMOS EM TEXTOS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II - PANORAMA GERAL

Quadro 1. Quantidade de “agente” por gênero textual e proposta

Proposta de Redação		
Genero Textual	Tema	Qtd "agente"
Relato de experiência	Perfeição e defeitos pessoais	4
Relato de experiência	Envolvimento afetivo sem compromisso	6
Relato de experiência	Amizade e internet	7
Relato de experiência	Promessas que não cumpre	1
Relato de experiência	Conflito entre pais e filhos	1
Relato de experiência	Vivência de mal entendido	1
Relato de experiência	tribos de adolescentes	2
Relato de experiência	Poço dos desejos	0
Relato de experiência	Amizade e sofrimento	0
Relato de experiência	Sufrimento de adolescentes	0
Carta pessoal	Internet e o uso do msn	3
Carta pessoal	Lembranças da infância	13
Carta pessoal	Brigas entre amigos	10
Conto	Viagem para Disneylândia	1
Conto	Rompimento amoroso	0
Conto	Viagem para outro planeta	0
Artigo de opinião	Proibição do fumo em locais públicos	1
Artigo de opinião	Preocupação do adolescente com o futuro	1
Artigo de opinião	Internacionalização da Amazônia	0
Relato de mudança de vida	Tornar-se famoso	1
Carta argumentativa	Presente de Natal	1
Cordel	História pessoal	0
Relato de expectativas de vida	Benefícios da imortalidade	0
Enquete	Perfil em redes sociais	0
Carta de opinião	Massacre em Realengo	0
Narrativa de ficção	Aventura em terra distante	0

Fonte: Dados retirados do Banco de dados Textus e elaboração própria (Iniciação Científica, CNPq).

De acordo com o Quadro 1, podemos Classificar as quinze propostas (com ocorrência de “agente”) em seis gêneros textuais distintos: Relato de experiência; Carta pessoal; Conto; Artigo de opinião, Relato de mudança de vida e Carta argumentativa.

Desses seis gêneros textuais, dois se destacam em relação ao aparecimento do uso não-convencional de “agente”: Carta pessoal e Relato de experiência. Foram ministradas três propostas pertencentes ao primeiro gênero e 10 propostas no segundo gênero, tendo sido identificadas 26 e 22 ocorrências, respectivamente. Ou seja, em dois gêneros textuais, houve 48 ocorrências de “agente”, isso corresponde a 91% do total das 53 realizações de homonímias “agente” encontradas no *cópus*, como pode ser observado na Tabela 3.

É interessante notar que em apenas três propostas o gênero textual “Carta pessoal” ultrapassa o número de ocorrências do gênero “Relato de experiência” que foi o gênero mais explorado durante o projeto.

Sendo assim, discutiremos alguns aspectos constitutivos dos dois gêneros mencionados. Bazerman (2007), em linhas gerais, diz que a natureza do funcionamento sociocomunicativo da carta passa pela comunicação direta entre remetente e destinatário; a confiabilidade conferida ao documento; a possibilidade da interlocução (da troca); a construção de relacionamentos (sociais) específicos em circunstâncias específicas. No tocante aos aspectos discursivos, Silva (2002, p.138) postula que:

fundam-se em movimentos interativos e discursivos que refletem a natureza do evento comunicativo engendrado pela carta. Através de tais movimentos, identifica-se como o escrevente, ao longo da interação, refletidamente ou não, vai construindo o texto, pautado numa lógica pragmática (interativa e enunciativa), que sugere minimizar ali a ausência do correspondente: a um só tempo, pelo diálogo escrito, o escrevente procura não só se fazer presente como também tornar presente o seu interlocutor. (SILVA, 2002, p.138)

Essas características do gênero parecem favorecer as ocorrências não-convencionais da grafia “agente”. Diante dessa constatação, retomamos nosso arcabouço teórico, Corrêa (2008, p.269) quando aponta que “a presença do falado no escrito não registra apenas a relação entre duas diferentes tecnologias, mas a relação entre dois modos de enunciação que se constituem mutuamente.”, com base nesse argumento, posicionamos o gênero textual “Carta pessoal” como um lugar de convergência entre práticas sociais faladas/escritas e orais/letradas.

Brustolin (2010, p.3) apresenta dados que comprovam que o pronome “a gente” é tão ou mais empregado do que o pronome “nós”, e salienta ainda que “a introdução de “a gente” no quadro dos pronomes pessoais, como variante do pronome de 1ª pessoa do plural está se efetivando tanto na modalidade falada quanto na escrita, dos alunos de ensino fundamental”.

Apesar de neste tópico estarmos abordando a questão de “agente”, o trabalho de Brustolin (2010) nos orienta quanto à aceitação do uso do pronome inovador “a gente” também na escrita, uma vez que ele já é aceito em diversas situações informais de comunicação.

Para exemplificar o tipo de investigação a que daremos início apresentamos alguns aspectos gerais que compõem a estrutura do gênero textual “Relato de experiência”, Signorini (2006, p.61) descreve tal gênero como:

o relato enquanto espaço de auto-referenciação, auto-elucidação, é orientado em função de duas linhas de força que regulam o processo contínuo de reconfiguração de posições, papéis e identidades do “eu” narrador no fio de seu discurso (MALET, 2000). A primeira delas é a da pretensão à verdade, tendo o acontecimento como elemento estruturador. A segunda linha de força [...] é a do cálculo das motivações e expectativas do interlocutor. (SIGNORINI, 2006, p.61)

Por meio do gênero textual “Relato de experiência”, os alunos foram motivados a escreverem sobre fatos de suas vidas em textos narrativos e descritivos. Abaixo, apresentamos uma das propostas de redação aplicada no projeto, do gênero textual “Relato de experiência”.

Figura 2. Proposta de redação “Relato de experiência” retirado do texto – Z10_7A_09F_05

Proposta 5

Data: 21/10/10

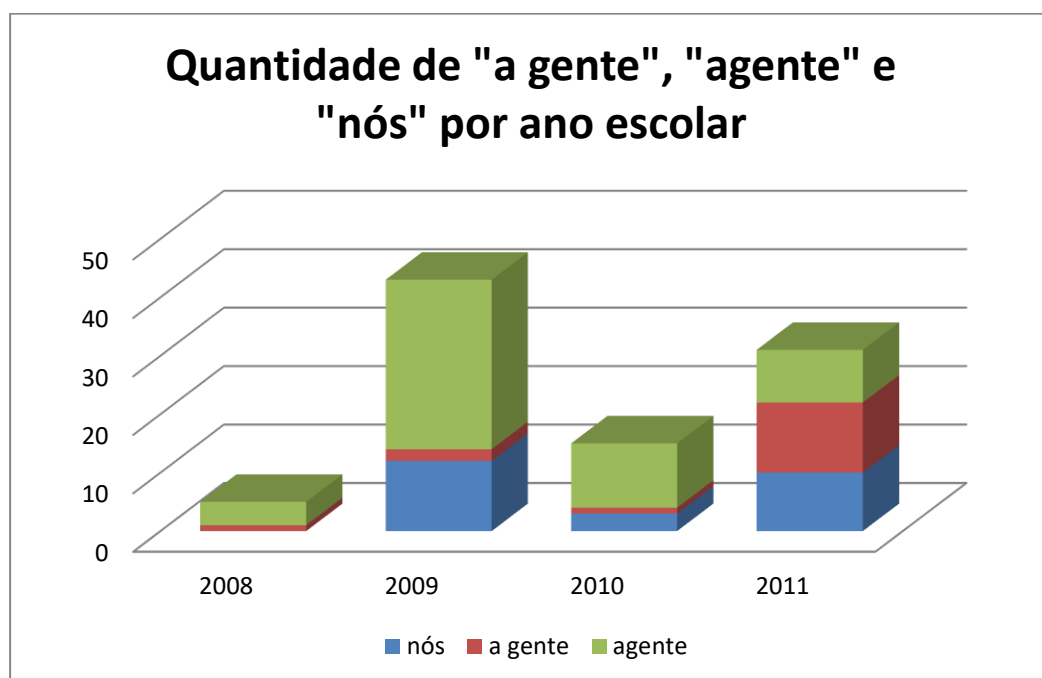
- Nos textos dados, são apresentadas visões sobre uma nova modalidade de relacionamento na cultura brasileira ‘o ficar’, que designa um envolvimento afetivo sem compromisso, sem fidelidade. Desse modo, o que está em jogo para alguns são a sensação de liberdade e a curtidão momentânea. Tanto na entrevista quanto no depoimento, há divergências sobre o que os adolescentes acham do assunto. Uns preferem ficar por ficar, outros ficam apenas com sentimentos. A maioria das pessoas acredita que, em um relacionamento afetivo, as garotas são mais sentimentais.
- O que você acha sobre o assunto? Relate uma experiência sua ou de um(a) amigo(a) sobre o tema. Pode ser uma situação que “zuou” ou foi “zuado” por algum colega por nunca ter ficado. Ou, ainda, conte como geralmente se faz para ficar com alguém, se ficou com alguém que, depois, acabou gostando, etc.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados pra a escritura. Dê um título ao seu texto.

Na proposta, são utilizados gírias, como “zuou”, “foi zuado”, que contribuem para instaurar uma interlocução informal, de modo que o texto dos alunos se apresentem como “respostas” à questão do enunciado da proposta que – por hipótese – tenha proporcionado enunciados típicos de oralidade e, por conseguinte, grande emprego de “a gente”. Buscaremos verificar em que medida essas características da proposta afeta (ou não) a grafia não-convencional de “a gente”.

4.3 Flutuação gráfica de palavras escritas

Nessa última parte da seção dos resultados parciais, discutiremos a questão da flutuação gráfica entre o par homônimo “a gente” e “agente” nos quatro anos do EFII (2008-2011), juntamente com o pronome “nós”. Discutiremos os resultados a partir do Gráfico 3, logo abaixo.

Gráfico 3. Grafia por ano escolar entre “a gente”, “agente” e “nós”



Fonte: Dados retirados do Banco de dados Textus e elaboração própria (Iniciação Científica, CNPq).

O ano de 2008, tanto a ocorrência de “a gente” quanto a de “agente”, é o ano em que menos ocorre o uso dessa estrutura, seja ela usada convencionalmente ou não, e sequer ocorre o pronome de 1ª pessoal do plural “nós”. Retomando o que já foi discutido acima, relacionamos a baixa frequência desses dados à natureza do recorte do que deve ser ensinado no primeiro ciclo do EFII, no qual os alunos não estão em fase inicial de aprendizagem de escrita, mas em

desenvolvimento e enriquecendo tanto seus conhecimentos lexicais quanto aprendendo estruturas mais complexas da língua portuguesa.

Em 2009, por contraste, temos um aumento significativo na ocorrência de “agente”, mas algumas ocorrências de “a gente”, o que pode indicar que o aluno está em processo de aquisição das regras de uso do quadro pronominal do PB, mas não assimilou ainda a sua estrutura dentro da norma padrão, argumento que pode ser amparado devido ao início do uso no mesmo ano do pronome pessoal de 1ª pessoa no plural “nós” em mais ocorrências que o pronome “a gente”.

Já em 2010, o uso de “agente” diminui em relação ao ano de 2009, e o uso de “a gente” permanece estável (em comparação com a outra estrutura), também há a diminuição do uso do pronome “nós”. Essa diminuição pode indicar a instabilidade do processo de aprendizagem, deixando pistas da tentativa de o aluno alçar o conhecimento institucionalizado ao qual faz parte, em confronto com suas gramáticas internas. Interpretamos esses resultados como indício do constante trânsito entre práticas orais e letradas e com o diálogo com o já falado/escrito.

E finalmente, o ano de 2011 é o ano mais revelador da flutuação entre uma forma e outra (o uso de “agente”, “a gente” e “nós” é praticamente o mesmo), observada nos textos analisados. Interpretamos como evidências da heterogeneidade constitutiva da escrita, uma vez que ao chegar no final do segundo ciclo do EFII esse aluno ora faz uso da forma padrão do pronome “a gente”, ora faz uso da forma não-convencional “agente”, ora faz uso da forma preferencial normativa o pronome “nós”, em um movimento dialógico com a linguagem ao produzir o texto escrito. Resgatando Corrêa (2008, p.260) em linhas gerais, o aluno/escrivente lida com o que:

- a) imagina ser a representação termo a termo da fala pela escrita;
- b) com o que imagina ser – a partir de suas experiências com a escrita e com a própria visão escolar sobre a escrita – o código escrito institucionalizado; e, finalmente, (c) com o que imagina ser a relação apropriada com a exterioridade que constitui o seu texto: outros textos, a própria língua, outros registros, outros enunciadores, o próprio leitor. (CORRÊA, 2008, p.260)

Assim, em todos os anos analisados, no processo da escrita, de acordo com Corrêa (2008, p.261) “o escrevente oscila entre a tentativa de representação de características fonético-fonológicas (segmentais e/ou prosódicas) detectadas em sua variedade linguística falada e a convenção ortográfica institucionalizada”.

Essa afirmação nos leva à próxima etapa do projeto que não será discutido nesse artigo por este se tratar apenas do olhar quantitativo dos dados. Assim para a análise qualitativa desses dados, pretendemos desenvolver um outro trabalho para verificar quais características fonético-fonológicas estão envolvidas no processo de escrita, descrevendo a flutuação entre “a gente” e “agente”.

Considerações Finais

Neste trabalho foi possível sistematizar dados de hipossegmentação, no caso o par homônimo “a gente” e “agente”, que nos possibilitou verificar que ao longo de todos os anos letivos do EF II para 13 dos 19 sujeitos considerados, o uso de uma das duas formas homônimas está, frequentemente, presente na escrita de seus textos, esse fato nos direciona para evidências que demonstram que o uso do pronome “a

gente” ou “agente” (quando previsto “a gente”) está relacionada ao nível de escolarização, ao mesmo tempo em que relaciona-se com a heterogeneidade constitutiva da escrita, por demarcar dialogicamente a relação que o escrevente tem com as práticas orais/escritas. Foi possível averiguar que o uso da palavra escrita não-convencional “agente” (quando previsto “a gente”) está associada ao tipo e gênero textual utilizado para a realização do texto escrito, sendo o gênero “Carta pessoal” e “Relato de experiência” os lugares mais propensos ao aparecimento da homonímia, isso infere que tanto uma quanto a outra forma não são utilizadas de maneira aleatória, demonstrando que é possível prever em que ocasião elas provavelmente ocorreram nos textos dos alunos.

Esse resultado obtido a partir do levantamento longitudinal confirma os estudos realizados por Vitório (2015) e Franceschini (2015) que apontam para o uso mais frequente entre crianças do pronome “a gente”, e em igualdade de uso entre os adultos em um total de 50%, respectivamente. Confirmando os resultados de Zilles (2008) do uso de “a gente” ser mais frequente entre mulheres e crianças, apontando seu uso em determinados gêneros textuais.

Essa pesquisa contribui com os estudos linguísticos ao analisar dados de escrita como representações de estruturas morfossintáticas, demonstrando que os chamados “erros” ortográficos apresentam regularidades e que muitas vezes o aluno-escrevente comete esses “erros” ortográficos (considerados pela norma padrão) ao tentar manipular ao mesmo tempo seu conhecimento de língua como falante nativo de sua língua materna e o conhecimento escolar institucionalizado.

AGRADECIMENTOS: ao CNPq, pela bolsa de Iniciação Científica PIBIC/REITORIA (117279/2016-1).

TEIXEIRA, A. V.

TEIXEIRA, A.V. "A gente" ou "Agente": Uso de homônimas em textos de alunos do Ensino Fundamental II - Panorama geral. **Mosaico**. São José do Rio Preto, v.16, n. 1, p.571-596, 2017.

"A GENTE" OR "AGENTE": USE OF THE HOMONYMS IN PUPILS' TEXTS OF THE BASIC TEACHING II - OVERVIEW

ABSTRACT: In this article, we will present quantitative results of the research related to the conventional and unconventional use of the homonymous words "a gente" and "agente" extracted from a longitudinal sample of 31 texts of 13 students from the peripheral school of the interior of São Paulo during the Basic Teaching II. We will describe trends in the occurrence of conventional and unconventional use of homonyms as well as graphical word fluctuation between them

KEYWORDS: Homonyms, prosody; graphical word fluctuation; Basic Teaching II; hiposegmentation;

Referências bibliográficas

ABAURRE, M. B. M. *A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial*. Boletim da Abralín, Campinas, v. 11, p. 203-17, 1991.

BAZERMAN, C. *Escrita, gênero e interação social*. São Paulo: Cortez, 2007. 215 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Brasília: 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental/MEC. *Ensino Fundamental de nove anos – passo a passo do processo de implementação*. Brasília: 2009.

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

**“A GENTE” OU “AGENTE”: USO DOS TERMOS HOMONIMOS EM TEXTOS DE ALUNOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL II - PANORAMA GERAL**

BORGES, P.R.S. *A Gramaticalização de a gente no Português Brasileiro: Análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Letras) 2004.

BRUSTOLIN, A.K.B.S. *Uso e variação de nós e a gente na fala e escrita de alunos do Ensino Fundamental*. In: Anais do IX Encontro do CELSUL, Santa Catarina, 2010.

CAMACHO, R., G. *A variação linguística*. In: Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus. São Paulo, SE/CENP. 1988, 3v., p. 29-41.

CAPRISTANO, C. C. *Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita*. 2007. 263 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Campinas, 2007a.

_____. *A propósito da escrita infantil: uma reflexão sobre as segmentações não-convencionais*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 39 n° 3, p. 245-260, 2004.

CHACON, L. *Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 39, n. 3, 2004, p. 223-232.

CORREA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *O estatuto da linguística aplicada no campo das ciências da linguagem e o ensino da escrita*. Revista da ABRALIN, v.7, n.2, p.243-271, jul./dez. 2008.

CUNHA, A. P. N.; *As segmentações não-convencionais da escrita inicial: uma discussão do ritmo linguístico do português brasileiro e europeu*. 2010. 188f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

FRANCESCHINI, L.T. *Variação pronominal nós/a gente em Concórdia - SC: O papel dos fatores linguísticos e sociais*. Revista (Con) Textos Linguísticos, v. 9, n. 14, 2015.

LOPES, C.R.S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. DELTA, vol.14, n.2. São Paulo. 1998.

TEIXEIRA, A. V.

MENON, O.P.S. *A gente: Um processo de gramaticalização*. Taubaté/SP. 1996.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

PARANHOS, F. C. *Segmentações não-convencionais de palavra nos quatro últimos anos do ensino fundamental: um estudo longitudinal*, São José do Rio Preto, 2014. Dissertação.

RUBIO, C.F. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no Português Brasileiro e Europeu: Estudo Sociolinguístico comparativo*. São José do Rio Preto, 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - de doutorado 2012 - Universidade Estadual Paulista.

SIGNORINI, I (org.). *Gêneros Catalizadores letramento e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SILVA, L. M. *Um estudo longitudinal sobre as hipersegmentações de palavras escritas nos anos finais do ensino fundamental*, São José do Rio Preto, 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista.

SILVA, J.Q.G. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos*. Belo Horizonte/MG. Tese (Doutorado em Letras), 2002.

TENANI, L. E. *A segmentação não-convencional de palavras e a aquisição da escrita*. Palestra apresentada no II Ciclo de Palestras sobre aquisição da linguagem e escrita. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2010.

_____. Letramento e segmentações não-convencionais de palavras. In: TFOUNI, Leda. *Letramento, escrita e leitura: questões contemporâneas*. Campinas: Mercado das Letras, 2011a.

_____. *A segmentação não-convencional de palavras em textos do ciclo II do ensino fundamental*. Revista da ABRALIN, v. 10, p. 91-119, 2011b.

_____. Banco de dados de escrita do Ensino Fundamental II. FAPESP/UNESP, 2015. Disponível em:

TEIXEIRA, A. V.

<http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login> Acesso em: 20 de maio. 2016.

TENANI, L.E; LONGHIN, S. R. *Oficinas de leitura, interpretação e produção textual no ensino fundamental*. Em *Extensão*, Uberlândia, v. 13, n. 1, p. 20-34, jan. / jun. 2014.

TENANI, L.E; LONGHIN, S. R.. *Flutuação gráfica entre “senão” e “se não”*: considerações sobre polissemia, constituição morfossintática e prosódica. *Gragoatá, Niterói*, n. 38, p. 183-206, 2015.

VITORIO, E.G.S.L.A. *A variação nós e a gente na posição de sujeito na fala de crianças da cidade de Maceió/Al*. *Revista (Con) Textos Linguísticos*, v.9, n.14. 2015.

ZILLES, A.M.S. *O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?* *Letras de Hoje*, Rio Grande do Sul, v. 42, n. 2. 2008.

GRÁFICOS p.10 e 16;

TABELAS p. 7 e 12;

QUADRO p. 12

FIGURAS p. 6 e 15.